



Decolonialidade e Práticas Emancipatórias: novas perspectivas para a área de Ciências da Religião e Teologia

Decoloniality and Emancipatory Practices: new perspectives for the area of Religious Studies and Theology

Ingrid Soto ^[a] 

Campinas, São Paulo, Brasil

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Mestrado em Ciências da Religião

Como citar: SOTO, Ingrid. Resenha do Livro: Decolonialidade e Práticas Emancipatórias: novas perspectivas para a área de Ciências da Religião e Teologia. *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 08, n. 01, p.120-124, jan./jun., 2023. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.08.01.p120-124>

RESENHA (BOOK REVIEW)

KUZMA, Cesar; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (org.). *Decolonialidade e práticas emancipatórias: novas perspectivas para a área de Ciências da Religião e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2019, 150p. ISBN: 978-85-356-4536-1

^[a] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Graduada em Filosofia pela mesma instituição. Membro do Grupo de Pesquisa “História das Religiões e Religiosidades no Brasil”. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6314-9764>. E-mail: ingridcarolina.ser@gmail.com.

A obra Decolonialidade e práticas emancipatórias: novas perspectivas para a área de Ciências da Religião e Teologia, engloba sete textos de conferências realizadas no 32º Congresso Internacional da SOTER, em Belo Horizonte, Minas Gerais, no campus Coração Eucarístico da PUC-Minas entre os dias 9 a 12 de julho de 2019. O caráter do Congresso, frente a desafios que envolvem o existir humano, ressalta uma perspectiva decolonial unida a práticas emancipatórias que visam expor novos meios de investigação na área de pesquisa de Ciências da Religião e Teologia. Ao oferecer abordagens que partem de uma perspectiva decolonial marcada por resistências sociais, reflexões significativas são realizadas para orientar a sociedade ao saber científico. Em sua estrutura, o livro possui uma apresentação de Cezar Kuzma, teólogo e presidente da SOTER entre os anos de 2016 e 2019. Os sete textos de conferências realizadas, organizados como capítulos, estão nos idiomas dos conferencistas, portanto, os três primeiros estão em espanhol e os outros quatro estão em português.

O texto *Decolonialidad como praxis desde las víctimas y sus resistencias: cuestiones epistemológicas y distinción de conceptos*, do teólogo e padre mexicano, Carlos Mendonza-Alvaréz, parte do clamor dos povos originários de Abya Yala para apresentar resistências epistêmicas de vítimas do sistema. Os movimentos de resistência dos povos originários latino-americanos ressaltam a amplitude da diversidade linguística e cultural. Nesse sentido, para o teólogo, a contribuição da Teologia para a prática da decolonização é possível por meio de uma valorização do conhecimento ancestral e anti-sistêmico, contestando o pensamento moderno que instrumentaliza os processos científicos e humanitários, e ao se posicionar contra a violência necropolítica.

Já não se trata mais, como no caso da modernidade ilustrada, de uma autonomia do sujeito individual face aos seus atos de afirmação narcisista que estiveram na base do expansionismo colonial. Pelo contrário, a partir desta perspectiva decolonial, o processo intersubjetivo de reconhecimento mútuo parte das subjetivações negadas, na sua potência experiencial que surge da sua vulnerabilidade assumida como ponto de ruptura do processo de colonização. Também não se trata do estabelecimento do político “desde cima” - isto é, desde a lógica do poder soberano, do capitalismo neoliberal e explorador, do patriarcado homofóbico e misógino, ou da religião sacrificial - mas é um processo colonial de insurreição “desde baixo”. (MENDONZA-ALVARÉZ, 2019, p. 21, tradução nossa)

O primeiro capítulo oferece uma contribuição crucial para o progresso da leitura, ao introduzir conceitos que esclarecem aspectos da história recente do Brasil e da América Latina. Por exemplo, a decolonialidade é tratada como um processo que surge do reconhecimento do pluralismo cultural e da valorização da diversidade e intersubjetividade. O pensamento que parte desde o “sul epistêmico”, busca recuperar territórios, reintegrar práticas governamentais e formas de resistência adotadas por mulheres, povos originários e outros movimentos coletivos. Estes planos de ação se opõem à ideia de “todos contra um”, a qual tende a desfavorecer grupos inviabilizados pelo Estado.

O capítulo intitulado *El giro descolonizador de las teologías del sur global*, escrito pelo teólogo espanhol Juan José Tamayo, define o termo “sul global” como uma metáfora que exibe o sofrimento dos povos oprimidos ocasionado por sistemas de dominação marcados pelo fundamentalismo, patriarcalismo e centrados no modelo do antropocentrismo do norte global. Para Tamayo (2019), o sul global é uma consequência do que foi estabelecido no “norte global” e a tarefa prioritária de um giro descolonizador é cessar os meios de dominação baseados na dialética de superioridade-inferioridade. Neste aspecto, análises decoloniais do cientista social Ramón Grosfoguel, mencionadas no texto, enfatizam que o universalismo proposto pela teoria decolonial não se alinha com o discurso individualista e eurocêntrico que, pode endossar a colonização de outros povos. Por conseguinte, críticas ao sujeito moderno com exemplos de racismo epistemológico são feitas.

Por exemplo, discute-se a concepção de Ilustração e o conceito da razão de Kant, apontando trechos que demonstram a exclusão de mulheres e a expressão do racismo. Além disso, critica-se o individualismo associado à afirmação cartesiana "Cogito, ergo sum", usualmente traduzida para o português como "Penso, logo existo", sugerindo que ela poderia servir como justificativa para uma exploração capitalista e uma atitude desvinculada da natureza. Frente a essas críticas, as teologias do Sul são indicadas a criarem um espaço para realizarem discursos teológicos alternativos, ao desafiarem premissas que permeiam os campos da religião e da teologia ocidentais. É crucial salientar que, embora estas ideias sejam apresentadas, é fundamental manter uma postura crítica diante de variadas perspectivas teóricas e culturais em desenvolvimento, utilizando abordagens que reconheçam a complexidade histórica e filosófica desses temas.

Com *El buen convivir desde la cosmovisión aymara como alternativa frente a la descolonización*, a teóloga indígena e metodista boliviana, Vicenta Mamani Bernabé, apresenta a espiritualidade como a referência que conduz a cosmovisão do povo indígena Aymara e a relação com a *Pachamama*, a Mãe Terra. Bernabé compartilha experiências pessoais do povo, destacando a "boa convivência", na qual tudo na natureza é considerado vivo e dotado de espírito. A partir disso, a teóloga explora as relações da comunidade com a água e a comida, os animais, os remédios naturais, as festas, vestimentas e as autoridades. O enfoque da decolonialidade neste capítulo está centrado na busca por uma convivência harmônica e equilibrada com a Mãe Terra e tudo que a rodeia. Isto sublinha a necessidade de uma abordagem ética e moral no tratamento do meio ambiente.

A antropóloga Lucia Helena Rangel, no quarto capítulo, *O direito de ser indígena*, explora casos de expropriações de terras indígenas que evidenciam os interesses de proprietários locais, resultando no deslocamento forçado de comunidades inteiras. Nessas circunstâncias, muitos enfrentam dificuldades ao serem afastados de seus territórios, vivenciando violências e sendo obrigados a ocultar certos aspectos culturais. Um desafio enfrentado pelos Pataxó é destacado no contexto do reconhecimento e dos direitos indígenas, devido à dificuldade de se enquadrarem nos critérios de indianidade estabelecidos pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Além disso, as comunidades Krahô-Kanelá também enfrentaram numerosos obstáculos para obter o reconhecimento como povos indígenas por parte do mesmo órgão. Ao questionar o processo utilizado pelas autoridades para validar a identidade dos povos indígenas — um procedimento que discrimina aqueles que foram submetidos à aculturação e perpetua um estereótipo do que significa "ser indígena" —, conclui-se que a força dos povos indígenas reside na maneira como eles se organizam e se adaptam, com base em sua própria autoconsciência e conexão com suas raízes ancestrais. Dessa maneira, considerando que as comunidades indígenas podem coexistir em ambientes culturalmente diversos, onde a cooperação intercultural é imperativa, elas manifestam um apelo à promoção da pluralidade.

No quinto capítulo, *Decolonizar a revelação: teologia negra e a afirmação do deus antirracista*, o teólogo protestante Ronilso Pacheco aborda a teologia do povo negro como uma forma de resistência contra o racismo presente na modernidade, que contribui para a exploração, comercialização e violência contra a comunidade negra. A interação entre a experiência espiritual da teologia negra e a noção de espacialidade é considerada crucial, pois, é no território material e imaterial — afetado pela história da escravidão promovida pelos europeus — que se cria identidade, se desenvolve a espiritualidade e se constrói a história. Diante dessas circunstâncias o ato de "racializar" territórios é realçado como um elemento fundamental para a teologia negra que pretende legitimar e viabilizar espaços periféricos, como as favelas, campos, quilombos e outros territórios, uma vez que o pensamento antinegro e o racismo tiveram uma influência central nas teologias ocidentais. Portanto, o teólogo discorre sobre a proposta de ter a África, — sua história e seus aspectos culturais — como referência para abordar as violências com os povos negros. Não almejando posicionar a África no centro do discurso em detrimento da Europa, o teólogo busca promover a equidade em suas narrativas e abordagem histórica. Neste panorama, a contribuição da ancestralidade na teologia negra é evidenciada como uma característica teológica que se alinha à tradição, em concordância com os princípios do pensamento decolonial. Logo, Pacheco (2019) conclui que há na teologia negra um diálogo aberto ao ecumenismo,

pois reconhece as múltiplas espiritualidades dos povos e observa que existem outros entendimentos sobre Deus, não sendo a única portadora da salvação.

O texto, *Saber-se terra: Trama que enlaça “libertação” e “viragem decolonial”*, do teólogo e frade Fanciscano, Sinivaldo S. Tavares, versa sobre a teologia da libertação e a viragem decolonial “como veios que brotam de uma mesma fonte ou movimentos que se interpenetram reciprocamente” (TAVARES, 2019, p. 77). Na análise do autor, a libertação é apresentada como uma alternativa ao desenvolvimento e à emancipação. A opressão econômica neste meio é interpretada como um meio de descolonizar o marxismo, ao utilizá-lo como uma mediação que busca proporcionar a possibilidade de libertação e emancipação além das barreiras de uma única classe social. A partir disso, Tavares (2019) explora a mutualidade entre teologia da libertação e libertação da teologia. Ao examinar questões epistemológicas, emerge a necessidade de uma epistemologia alternativa que seja inclusiva para conseguir distinguir e articular lutas para alcançar a essência da compreensão a respeito do ser humano e da Terra, do tecido social, histórico e cósmico, âmbitos contrapostos pelo pensamento moderno.

O sétimo e último texto, *Novo céu / nova terra: expandindo os horizontes decoloniais*, do pesquisador, teólogo e professor americano, Lee Cormie – traduzido do inglês por Suzana Regina Moreira – encerra o 32º Congresso da SOTER, com a tarefa de tratar sobre alguns aspectos do pensamento decolonial latino-americano (PDLA) que surgiram a partir dos movimentos de libertação. Inicialmente, ao examinar movimentos sociais que causaram “mudanças sísmicas” nos horizontes decoloniais em expansão, o desenvolvimento do Fórum Mundial Social (FMS) e do Fórum Mundial de Teologia e Libertação (FMTL) são dados como exemplos. Cormie acrescenta que as mais diversas expressões de povos marginalizados são reconhecidas como centrais na epistemologia do sul. Contudo, no segundo ponto do texto, os debates internos e as tensões de um mundo secular não resolvidos no PDLA são expostos. É neste contexto que surgem duas questões cruciais: 1) ao passo que correntes marginalizadas se expandem, certas percepções entram em conflito e outras, acabam quase que omitidas ou excluídas; 2) a ideia moderna de secularismo é enganosa já que as tendências seculares são mutáveis.

No terceiro ponto, Cormie ocupa-se com a expansão da tecnoesfera do mundo globalizado ao fazer uma provocação à nova época antropocêntrica e uma crítica aos discursos eurocêntricos e amerocêntricos que, além de usarem o pronome “nós” de forma excessiva, sugerem “noções altamente abstratas, essencializadas e universalizadas de “natureza” e de “humanidade” (CORMIE, 2019, p. 128). Em contrapartida, Cormie (2019) relata que as enunciações que emergem do contexto da libertação em relação às religiões, seres humanos e outras formas de vida reconhecem diferenças e desigualdades. Por essa razão, o teólogo conclui que o PDLA colabora com novos espaços epistemológicos e expressões de religiosidade, ao reler as tradições e ao construir um pensamento decolonizador que contribui para uma fé autocrítica e aberta ao plural.

Diante do exposto, considera-se que os textos das conferências do 32º Congresso Internacional da SOTER cumprem com a temática proposta. Posto que uma introdução sobre a decolonialidade foi realizada, conceitos como “sul epistêmico” e “sul global” forneceram o entendimento adequado para adentrar o cenário pluralista do pensamento decolonial presente nas exposições dos conferencistas. Os movimentos de povos subjugados como práticas emancipatórias apesar de adotarem abordagens diversas em suas lutas, interagem e dialogam entre si. Conclui-se, que, apesar das tensões e limitações discutidas nos debates sobre práticas decoloniais na América Latina, as propostas apresentadas nos textos do evento oferecem novos horizontes para a pesquisa e atuação no campo das Ciências da Religião, abordando de maneira reflexiva os desafios contemporâneos e as questões urgentes em pauta.

Referências

CORMIE, Lee. Novo céu / nova terra: expandindo os horizontes decoloniais. In: KUZMA, Cesar; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (org.). *Decolonialidade e práticas emancipatórias: novas perspectivas para a área de Ciências da Religião e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2019.

PACHECO, Ronilso. Decolonizar a revelação: teologia negra e a afirmação do deus antirracista. In: KUZMA, Cesar; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (org.). *Decolonialidade e práticas emancipatórias: novas perspectivas para a área de Ciências da Religião e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2019.

MENDONZA-ALVARÉZ, Carlos. Decolonialidad como praxis desde las víctimas y sus resistencias: cuestiones epistemológicas y distinción de conceptos. In: KUZMA, Cesar; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (org.). *Decolonialidade e práticas emancipatórias: novas perspectivas para a área de Ciências da Religião e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2019.

TAMAYO, Juan. El giro descolonizador de las teologías del sur global. In: KUZMA, Cesar; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (org.). *Decolonialidade e práticas emancipatórias: novas perspectivas para a área de Ciências da Religião e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2019.

TAVARES, Sinivaldo. Saber-se terra: Trama que enlaça “libertação” e “viragem decolonial”. In: KUZMA, Cesar; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (org.). *Decolonialidade e práticas emancipatórias: novas perspectivas para a área de Ciências da Religião e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2019.
